

Produtores da região de Planaltina e Sobradinho estão apreensivos com a morte de bovinos e eqüinos. Em apenas dois meses, governo registrou sete casos — metade do total contabilizado em 2004

Daniel Alves/CB



O CHACAREIRO CLOVIS SARAIVA OBSERVA A OSSADA DA ÉGUA JEITOSA, QUE MORREU COM SUSPEITA DE RAIVA ANIMAL: TÉCNICOS DA EMATER ESTUDAM OS MOTIVOS DA MIGRAÇÃO DE MORCEGOS CONTAMINADOS PELO VÍRUS DA DOENÇA

Alerta contra raiva animal

RENATO ALVES E
DARSE JÚNIOR
DA EQUIPE DO CORREIO

Sete casos de raiva animal em eqüinos e bovinos foram confirmados na área rural do Distrito Federal apenas nos dois primeiros meses de 2005 — metade do total registrado em todo o ano passado. Há pelo menos outras dez suspeitas sob investigação. A quantidade deixou em alerta os técnicos da Secretaria de Saúde, Secretaria de Agricultura e Emater. Eles admitem que podem ter ocorrido muito mais mortes de bois e cavalos provocadas pela doença transmitida por morcego. É comum o produtor rural não entrar em contato com os órgãos responsáveis quando perde um animal com os sintomas da raiva.

Como não existe a obrigatoriedade de vacinar os rebanhos brasileiros contra a raiva animal — a iniciativa fica por conta dos criadores —, os técnicos dos três órgãos estão preocupados com a proliferação da doença entre os próprios animais e uma possível infecção humana. O único caso de raiva humana no DF ocorreu em 1978. Os casos confirmados em animais em 2005 — quatro bovinos, dois eqüinos e um morcego hematófago, que se alimenta de sangue, — foram detectados nos núcleos rurais de Catingueiras (Sobradinho II), Taguara, Tabatinga e Stanislau (Planaltina).

Pequenos pecuaristas confirmam as suspeitas dos técnicos. Eles denunciam mortes em série de seus animais de criação. Casos que não entraram nas estatísticas oficiais. O aposentado José Lineu de Freitas, 60 anos, perdeu dois cavalos e quatro vacas em seu sítio, na Colônia Agrícola Catingueiras, em menos de duas semanas. “Com todos foi a mesma coisa: o animal perdeu os movimentos das pernas, ficou cego e caiu morto”, conta. Ele garante que todos os animais foram vacinados contra raiva. “Em toda a região já morreram mais de cem eqüinos e bovinos”, reclama.

No bar Recanto da Natureza, ponto de encontro de produtores rurais da Catingueiras, a raiva animal é o assunto que domina as rodas de bate-papo. “O pessoal

está com medo de ser contaminado, não sabe o que fazer”, diz o dono do boteco, Aloisio Gomes de Souza, 29. Entre as vítimas da doença está uma égua do chacareiro Clovis Albano Saraiva, 71. “Ela estava prenha, era um animal bom de arreo e muito educado. Quando eu chamava, ela vinha de longe”, lamenta.

Os técnicos da Secretaria de Agricultura não sabem explicar o foco da doença em Planaltina e Sobradinho. Mas afirmam que o desmatamento e ocupações desordenadas do solo empurram os morcegos — e muitos outros animais — para outras áreas verdes. “Hoje (ontem), vamos investigar casos de raiva denunciados por moradores de um núcleo rural do Gama, na divisa com Goiás”, contou a veterinária Gláucia Leite Alvim, da Secretaria de Agricultura.

Exames

O diretor do Departamento Pecuária e Defesa Sanitária (DPDS), da Secretaria de Agricultura, Guilherme Campos, afirma que os técnicos do governo investigam todos os casos que chegam ao seu conhecimento. Equipes do Controle de Reservatório e Zoonoses, da Diretoria de Vigilância Ambiental, da Secretaria de Saúde, fazem trabalho de campo para identificar as pessoas que tiveram contato com os bois, vacas e morcegos contaminados.

Para controlar a doença entre os rebanhos, os técnicos da Secretaria de Agricultura orientam os proprietários a vacinar seus animais. Já a equipe da Vigilância Ambiental estuda a possibilidade de promover a captura de morcegos nas regiões afetadas pela doença. Guilherme Campos destaca que o Distrito Federal tem os menores índices de casos de raiva animal em bovinos e eqüinos do Brasil. “A situação está sob controle”, garante.

A raiva animal em herbívoros no DF havia sido erradicada há oito anos. Casos da doença voltaram a ser registrados a partir de 1998. Em 2002, houve um surto nas mesmas localidades onde existem focos da doença hoje. Há três anos, foram detectados 35 casos só em Planaltina, em menos de dois meses. A raiva voltou a ser controlada em 2003.

A DOENÇA

A raiva é uma doença infecciosa aguda e fatal, causada por um vírus que se alastra pelo sistema nervoso central e se multiplica nas glândulas de saliva, dali sendo eliminado. A mortalidade da doença é de 100%. A hospitalização deve ser o mais confortável para o paciente, devendo-se tomar todos os cuidados possíveis para manter seu conforto

Sintomas

Após a mordida ou arranhão do animal contaminado surge um quadro de:

febre, dor de cabeça, mal-estar, dor de garganta, falta de apetite, enjôos, irritação, ansiedade, mudanças de comportamento. O local próximo da mordida pode ficar sensível ou anestesiado

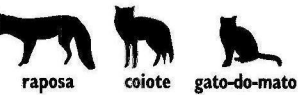
Com a progressão da doença, surgem quadros de ansiedade, febre alta, delírios, contrações musculares e podem surgir convulsões. Ocorre um espasmo dos músculos da garganta, fazendo com que o paciente fique salivando muito e não consiga engolir nem água. A consciência do paciente se mantém até a instalação do quadro de coma e morte. O período de evolução do quadro varia

de cinco a sete dias.

Previna-se
A grande maioria das espécies de morcegos existentes é benéfica ao homem e à natureza. Matar morcego é um crime ambiental. Os morcegos são da fauna brasileira e, portanto, protegidos pela lei 5.197 de 3 de janeiro de 1967

Como se pega
O contágio se dá pela saliva do animal que está com a infecção, principalmente pela mordida, mas pode ocorrer por arranhadura ou lambidura. O tempo médio até o surgimento dos sinais de doença são de cerca de 45 dias no homem e de até dois meses nos animais

Os animais que podem ser contaminados são:



PARA SABER MAIS

Perigo no ar

Os morcegos são os únicos mamíferos que voam. Eles têm hábitos noturnos e orientam-se por meio da visão e de sons de alta frequência (sonar). Podem viver até 30 anos. Existem cerca de mil espécies de morcegos no mundo. Dentre estes, em torno de 70 % alimentam-se somente de insetos (insetívoros), sendo importantes para o seu controle populacional e 29 % alimentam-se de frutos e flores exercendo a polinização e a dispersão de vários tipos de plantas. Apenas três espécies de morcegos utilizam o sangue de mamíferos e aves como alimento. No Brasil já foram registradas cerca de 150 espécies de morcegos e no DF, aproximadamente 50. Os morcegos mais frequentemente encontrados próximos ou nas moradias são os insetívoros e os fitófagos (que se alimentam de frutos e do néctar e pólen das flores). Os morcegos hematófagos abrigam-se em ocas de árvores, cavernas, bueiros, construções abandonadas, etc. Vivem onde existem animais de criação e silvestres.

AJUDA

Em caso de pessoa mordida ou que teve contato com qualquer animal suspeito de raiva, telefone para Vigilância Epidemiológica: 225-8906 ou 325-4860

Se o problema for com cão ou gato, ligue para a Vigilância Ambiental: 321-0266 ou 321-8444

Se o problema for com animais de criação (bois, vacas etc), ligue para Secretaria de Agricultura, Pecuária e Abastecimento: 468-8233 ou 340-3096